

Active Shooter Events and Response

J. Pete Blair • Terry Nichols
David Burns • John R. Curnutt

 CRC Press
Taylor & Francis Group

PREFÁCIO

Antes dos trágicos eventos em Columbine High School, em 20 de abril de 1999, o termo “atirador ativo” não era uma palavra doméstica ou uma manchete de jornal piscando nas telas de nossas televisões. Embora houvesse inúmeros tiroteios em massa nos Estados Unidos antes dessa tragédia, esse evento não apenas modificou sozinho a visão de nosso país sobre segurança escolar, mas também mudou significativamente a resposta das forças de segurança aos tiroteios em massa. Estratégias desatualizadas de resposta da polícia foram substituídas por novas e agressivas táticas a serem usadas pelos primeiros policiais no local de um tiroteio em massa. Os programas e padrões nacionais de treinamento foram implementados para garantir que todos os policiais fossem treinados de forma adequada e consistente para lidar com a ameaça de atirador ativo. Infelizmente, os tiroteios em massa continuam a ocorrer, fazendo manchetes nacionais quase que mensalmente.

Durante os últimos dias da conclusão do manuscrito deste livro, ocorreu outra tragédia de tiroteio em massa impensável, dessa vez na Sandy Hook Elementary School (Escola Elementar Sandy Hook) em Newtown, Connecticut. Na sexta-feira, 14 de dezembro de 2012, um suspeito invadiu a escola primária onde matou 20 crianças, com idades entre 6 e 7 anos, juntamente com 6 professoras e funcionários. Uma resposta rápida das autoridades policiais locais e estaduais impediu que a situação fosse muito pior; no entanto, este evento recente deve nos lembrar novamente sobre a importância do treinamento e da preparação para essas situações críticas antes que elas ocorram em nossos próprios quintais.

A profissão policial deve continuar a examinar todo e qualquer evento de atirador ativo ou matança em massa e aprender com eles para se preparar para o futuro. Este livro é uma das primeiras tentativas conhecidas não apenas de discutir eventos históricos de atiradores ativos, mas também de dissecar alguns dos eventos críticos e de alto nível para obter o conhecimento e a experiência daqueles que passaram antes de nós. Também oferece informações sobre as metodologias e estratégias de treinamentos usadas para preparar os primeiros respondedores de nosso país para lidar com a ameaça de atirador ativo. Além disso, a ameaça clara e presente de organizações terroristas usando essa tática em solo americano, semelhante aos ataques em Beslan, na Rússia e em Mumbai, na Índia, é discutida, juntamente com as implicações de treinamento para nosso pessoal civil de aplicação da lei.

Este livro foi escrito por membros do Centro Avançado de Treinamento de Resposta Rápida às Leis (Advanced Law Enforcement Rapid Response Training ALERRT) na Universidade Estadual do Texas. Desde a sua fundação em 2002, a ALERRT treinou mais de 40.000 policiais de 41 estados e do Distrito de Columbia em resposta a atirador ativo. A ALERRT também treinou primeiros respondedores no Brasil e no Canadá, bem como policiais do Reino Unido, Finlândia e Portugal. Além disso, o ALERRT tem um programa de pesquisa ativo que examina não apenas os eventos de atirador ativo, mas também as melhores práticas em resposta a esses eventos. As informações apresentadas aqui são o ápice de mais de uma década de treinamento e pesquisa em eventos de atirador ativo e representam o que acreditamos ser as melhores práticas baseadas em evidências.

Ao ler este livro, observe que nunca usamos os nomes dos suspeitos ao discutir eventos específicos. Muitos atiradores ativos parecem motivados pelo desejo de fama (ou talvez, mais apropriadamente, pela infâmia). Escolhemos não ajudar esses covardes a obter seu desejo de reconhecimento. Em vez disso, nos referimos a eles apenas como suspeitos, atacantes ou atiradores. Em nossa opinião, é trágico que seus nomes sejam usados com a mesma frequência e que alguns se tornaram nomes conhecidos. Nosso foco é e sempre estará nas vítimas e nos primeiros atendedores. Este livro é dedicado àquelas vítimas inocentes cujas vidas foram ceifadas tragicamente e aqueles primeiros respondedores que estão dispostos à colocar suas vidas em risco para os outros e ser essa "linha azul fina" (espécie de linha tênue entre o bem e o mau).

CAPÍTULO 1

Perspectiva Histórica de Eventos de Atiradores Ativos

Introdução

Há numerosos casos, ao longo da história, em que suspeitos perturbados procuraram e mataram o maior número possível de vítimas inocentes. Esses assassinos em massa, também chamados de "atiradores ativos" desde a tragédia da Columbine High School, em abril de 1999, apresentaram um desafio tático único aos policiais. De muitas maneiras, as táticas de aplicação da lei ao abordar esses atiradores ativos marcaram um ciclo completo nos últimos 46 anos.

Durante as primeiras horas da manhã de 1 de agosto de 1966, um ex-fuzileiro naval dos Estados Unidos e aluno da Universidade do Texas assassinou sua mãe enquanto ela dormia em sua casa em Austin, Texas. O suspeito então voltou para sua casa, onde ele matou sua esposa, enquanto ela dormia. Depois de digitar e escrever notas de suicídio, o suspeito pegou armas escondidas num armário e foi para a Torre da Universidade do Texas e subiu até o 27º andar. Quando lhe pediram a identificação da universidade pela recepcionista do *deck* de observação, o suspeito a espancou com um rifle e escondeu seu corpo atrás de móveis. A recepcionista, Edna Townsley, morreu depois de seus ferimentos e se tornou a terceira vítima a ser morta naquele dia.

Quando o suspeito subiu o lance final de escadas até o *deck* de observação, ele barricou a escada para criar uma fortaleza. Antes que o suspeito chegasse ao *deck* de observação, duas famílias subiram na escada barricada e o encontraram na escada. Ele atirou nas famílias, matando duas pessoas e ferindo gravemente outras duas. Uma vez que o atirador estava estabelecido no *deck* de observação com sua mochila cheia de armas, um novo dilema tático enfrentou o Departamento de Polícia de Austin: como parar um atirador militar treinado e barricado, que ocupava uma posição elevada de 28 andares sobre o campus da Universidade do Texas de matar vítimas à vontade?

Infelizmente, para o Departamento de Polícia de Austin, as equipes especiais de armas e táticas (SWAT) não existiam em 1966. Não era que a cidade de Austin, Texas, fosse uma pequena agência policial rural e simplesmente não

dispusesse dos recursos para mobilizar uma equipe de SWAT; em vez disso, esses tipos de unidades e a sigla SWAT simplesmente não existiam naquela época. Situações táticas, como o atirador da Universidade do Texas, tinham de ser resolvidas por policiais de patrulha que tinham pouco ou nenhum treinamento tático e menos equipamentos disponíveis para eles. Situações de reféns, homens armados barricados e mandados de alto risco eram todos manipulados pelo policial na rua. Eventos violentos e críticos como o tiroteio na Torre da Universidade do Texas e os tumultos de Watts em 1965 levaram à criação de unidades táticas especializadas em todo o país.

Sem unidades táticas especializadas que pudessem chamar para ajudar a resolver o atirador barricado na Torre da Universidade do Texas, os policiais de Austin Houston McCoy, Ramiro Martinez e Jerry Day, junto com o cidadão Allen Crum, subiram a torre para impedir a agitação do suspeito. Parando no caminho para ajudar rapidamente os feridos e desenvolver um plano *ad hoc* para atacar o *deck* de observação, os policiais finalmente passaram pelas barricadas e pisaram no *deck* de observação onde o suspeito continuava a atirar em civis inocentes abaixo. Uma vez no *deck*, os policiais tiveram que ficar abaixados e cuidadosamente evitar os tiros de policiais e civis que estavam abaixo e atirando no suspeito.

Os policiais se separaram e rastrearam os sons de tiroteio vindos do rifle do suspeito para o canto noroeste do *deck* de observação. Uma vez que eles identificaram o suspeito sentado e disparando um rifle em direção à multidão abaixo, o policial Martinez disparou seu revólver seis vezes e o policial McCoy disparou sua espingarda duas vezes, atingindo e matando o suspeito. Esses policiais de patrulha, nenhum dos quais possuía qualquer treinamento tático ou equipamento especializado, haviam interrompido com sucesso o pior tiroteio em massa nos Estados Unidos até aquele momento.

Especialização da Polícia

As décadas de 1960 e 1970 trouxeram desafios e mudanças únicos para a aplicação da lei nos EUA. Primeiro, questões culturais e sociais exigiram que a polícia se envolvesse cada vez mais na gestão de manifestações, muitas das quais se tornaram violentas. A guerra no Vietnã, juntamente com o movimento de direitos civis em andamento, levou a numerosos conflitos em larga escala entre cidadãos e a polícia. Eventos como o de 28 de agosto de 1968, tumultos em Chicago durante a Convenção Nacional Democrata; os distúrbios de Watts de agosto de 1965 em Los Angeles; e a morte de quatro estudantes universitários por tropas da Guarda Nacional de Ohio na Universidade Estadual de Kent levou a um aumento das tensões e hostilidade aberta entre os cidadãos e o governo.

Em segundo lugar, as pesquisas sobre a função policial e de policiamento começaram a acontecer, muitas delas financiadas pela Law Enforcement Assistance Administration (LEAA) e, mais tarde, pelo National Institute of Justice (NIJ). Em 1965, o Presidente Lyndon Johnson nomeou a Comissão Criminal do Presidente, que endossou uma agenda de profissionalização, padrões mais altos de recrutamento, mais treinamento e melhor administração e supervisão no relatório de 1967 intitulado *O Desafio do Crime em uma Sociedade Livre* (Walker e Katz 2005). Projetos de pesquisa como o Experimento de Patrulha Preventiva de Kansas City (1972–1973) desafiaram as suposições de longa data sobre o papel dos policiais de patrulhamento na prevenção e supressão do crime.

Terceiro, os avanços na tecnologia começaram a entrar no policiamento em todos os níveis. De comunicações de rádio mais eficientes a armas avançadas e equipamentos táticos, os desenvolvimentos tecnológicos mudaram a forma como os policiais de patrulha desempenhavam seus trabalhos (Mijares, McCarthy e Perkins, 2000). A introdução de computadores de escritório levou à criação de Despacho Assistido por Computador (computer aided dispatching - CAD), manutenção de registros mais eficiente e gerenciamento de banco de dados, bem como o início do Automated Fingerprint Identification System (AFIS).

A pressão por mais educação, treinamento e profissionalismo para a polícia, juntamente com a rápida integração de novos equipamentos e tecnologias na profissão dos policiais, deu início a uma nova era de especialização em funções policiais. Enquanto antes desse tempo, os agentes de patrulha, fora das grandes agências nas grandes cidades, eram responsáveis por basicamente todas as funções de policiamento, as décadas de 1970 e 1980 testemunharam um dramático afastamento dessa funcionalidade "generalista" do policial de patrulha. Unidades e funções especializadas, incluindo equipes de SWAT, técnicos de cena do crime, unidades de gangues, unidades de narcóticos, especialistas em trânsito, unidades de motocicletas, fotografia, unidades de violência doméstica e unidades de reincidência, foram criadas até mesmo nas menores jurisdições. De todas as áreas de especialização, a criação de unidades táticas, ou equipes de SWAT, tornou-se uma das especializações mais visíveis e calorosamente debatidas, e esse debate continua até hoje.

A necessidade de policiais para terem a capacidade de responder a eventos críticos e violentos é sem debate. Eventos como o tiroteio na Universidade do Texas, os tumultos de Watts e um impasse de atiradores de 24 horas no Howard Johnson's Motel em Nova Orleans em 1972, para citar alguns, levaram à criação de unidades táticas especializadas (Mijares e cols. 2000). Os administradores da polícia aprenderam rapidamente que a natureza e a complexidade das situações táticas estavam mudando. Os criminosos estavam cada vez mais armados com a disponibilidade de armas de fogo de grande capacidade após a Guerra do Vietnã. Os infratores frequentemente tinham visões negativas e hostis em relação à polícia e ao governo em geral, levando a impasses violentos. Conter situações violentas tornou-se um grande desafio até para a maior das agências. As agências, em última instância, precisavam de especialistas que foram treinados para planejar e responder a incidentes críticos como uma unidade coordenada sem esgotar o pessoal da agência ou a capacidade de lidar com chamadas de rotina dos serviços (Mijares et al., 2000).

Equipes táticas foram criadas e estabelecidas para lidar com situações específicas de ameaças que historicamente desafiavam policiais de primeira resposta, agências de aplicação da lei e as comunidades que serviam. Responder a situações como suspeitos de barricadas, situações de reféns, mandados de alto risco e franco-atiradores tornou-se responsabilidade dessas unidades táticas especializadas. Grandes agências metropolitanas, como o Departamento de Polícia de Los Angeles, o Departamento de Polícia de Nova York, o Departamento de Polícia de Houston e outras criaram unidades táticas em tempo integral que não tinham outra responsabilidade de trabalho do que treinar e responder a incidentes críticos. Agências menores que não tinham pessoal para contratar uma unidade tática em tempo integral criaram equipes SWAT em tempo parcial. Esses policiais eram tipicamente designados para funções de patrulha ou investigação, com a

SWAT sendo um dever secundário de seu trabalho principal. Muitas áreas combinaram suas equipes de meio período e formaram equipes SWAT regionais para compartilhar ativos e recursos.

O surgimento e a explosão de equipes táticas em todo o país foram alimentados não apenas pela necessidade, mas também pelo glamour e admiração do policial de SWAT. Primeiro, em 1975, a série de televisão S.W.A.T. estreou, dando aos telespectadores um vislumbre do que Hollywood acreditava que os policiais táticos faziam todos os dias no trabalho. Conforme descrito pelo International Movie Database (IMDb), o resumo do enredo “apresenta as missões da Equipe Especial de Armas e Táticas do Departamento de Polícia de Los Angeles. Eles são uma equipe de policiais altamente treinados e fortemente armados cujo objetivo é fazer ataques coordenados a criminosos armados e perigosos em situações delicadas e locais defensáveis.” Segundo, jovens policiais geralmente não são levados para a lei a lidar com reclamações de cães latindo, levar relatórios de roubo e assumir preocupações de bem-estar. Embora tornar suas comunidades um lugar mais seguro e servir ao público sejam ideais comuns, a maioria dos policiais deseja alguma ação e quer estar nas linhas de frente, perseguindo suspeitos e pegando os bandidos. Quando uma equipe de SWAT era vista rolando para uma cena e conduzindo uma operação tática, quase todo jovem policial queria ser aquele “cavaleiro de velcro preto” - o especialista que veio para salvar o dia.

Além disso, as equipes de SWAT receberam todas as ferramentas e equipamentos mais recentes para uso em operações táticas. Armas e equipamentos como armas automáticas, rifles, coletes balísticos pesados, granadas de luz e som, escudos táticos, capacetes e gás lacrimogêneo eram equipamentos padrão para as equipes de SWAT. Para muitas agências, o excedente de equipamento militar, incluindo veículos blindados e equipamentos de visão noturna, era um meio econômico de equipar suas equipes de SWAT. Policiais designados para equipes táticas, seja em tempo integral ou em times de meio período, costumavam levar carros para casa e equipamentos personalizados que faltavam aos policiais de patrulha.

Finalmente, os policiais designados para as equipes de SWAT receberam muito mais treinamento do que suas contrapartes atribuídas a diferentes funções não-táticas. A natureza da tarefa tática exigiu um investimento significativo no treinamento de policiais de SWAT. Policiais táticos tinham que ser proficientes em muitas disciplinas diferentes dentro da arena tática, incluindo tiro avançado, arrombamento, técnicas de assalto, rapel, agentes químicos, implantação de granadas de luz e som e visão noturna. Além das habilidades individuais, os membros das equipes táticas tiveram que treinar em equipe. Em operações e ambientes de alto risco, o trabalho em equipe e a confiança são componentes críticos para resultados bem-sucedidos. No final, as equipes de SWAT tiveram sucesso porque tinham equipamentos avançados, foram devidamente treinados com esses equipamentos e trabalharam juntos como uma equipe coesa para realizar suas missões.

Com o tempo, unidades especializadas corroeram lentamente as responsabilidades dos policiais de patrulha. Uma vez que as unidades da cena do crime foram estabelecidas, policiais de patrulha que tradicionalmente tiravam fotos de cenas de crimes e procuravam impressões digitais latentes agora simplesmente pegavam as informações iniciais de um reclamante ou vítima e pediam que o especialista da cena do crime respondesse. Se confrontados com um suspeito

juvenil, os policiais de patrulha poderiam entregar o suspeito a um investigador que conduziria a investigação. Nos casos de violência doméstica, muitas agências criaram especialistas que responderiam ao cenário de qualquer violência doméstica que ocorresse para assumir a investigação.

Quando os policiais e supervisores enfrentavam uma situação tática séria - como um suspeito armado e barricado, situação de refém ou um mandado de alto risco que precisava ser cumprido - eles ligaram para a equipe de SWAT. No caso de um crime em andamento, como uma situação de refém ou um suspeito armado e barricado, em que os policiais de patrulha eram os primeiros em cena, o papel do patrulhamento tornou-se o de contenção. Embora tivessem pouco ou nenhum treinamento formal sobre como conter esses tipos de situações táticas, os policiais de patrulha tinham a tarefa de esperar que as equipes de SWAT chegassem e assumissem o controle. Essa estratégia de resposta, muitas vezes chamada de "Quatro Cs" (Conter, Controlar, Comunicar, Chamar a SWAT), tornou-se um protocolo padrão de resposta para os policiais de patrulha. Nos casos em que os policiais de patrulhamento tomavam a iniciativa e resolviam ou tentavam resolver uma situação antes da chegada de SWAT, eles eram muitas vezes castigados e administrativamente punidos por sair de suas funções e treinamentos.

Policiais de patrulha receberam muito pouco treinamento tático avançado e de tomada de decisões antes de 1999. Essa lacuna de prontidão levou a situações em que os policiais de patrulha tentavam resolver uma situação tática mais adequada a uma equipe de SWAT e pioravam, às vezes levando à morte os próprios patrulheiros.

Por exemplo, em uma noite de dezembro de 1999, no condado de Hays, no Texas, um policial de patrulha iniciou uma perseguição de veículo que acabou sendo cancelada quando o suspeito perdeu o controle do veículo e caiu. O suspeito saiu do veículo com uma arma apontada para a cabeça, criando um impasse com os policiais perseguidores. Antes de os policiais contiverem o suspeito e criarem um perímetro adequado, o suspeito caminhou livremente em volta da vizinhança do bairro e gritava para o policial atirar nele. Depois de disparar um tiro em direção aos policiais do perímetro, o suspeito recuou para um pequeno galpão de madeira onde outro tiro foi ouvido. A equipe local de SWAT em tempo parcial foi solicitada a responder; no entanto, a maioria dos membros da equipe vinha de casa. Enquanto aguardava a chegada da SWAT, o pessoal do nível de comando chegou ao local e foi informado da situação. Em vez de esperar que a equipe de SWAT chegasse, o pessoal do comando presumiu que o último tiro foi o suspeito cometer suicídio e se aproximou do galpão de madeira na tentativa de ver o suspeito. Quando o fizeram, o suspeito disparou de novo, por pouco errando os dois policiais. O suspeito não havia cometido suicídio e estava esperando fazer emboscada para os policiais. Felizmente, nenhum policial ficou ferido, e o suspeito acabou se entregando à equipe de SWAT e aos negociadores de reféns.

Em outros casos, em vez de ligar e esperar que a SWAT chegue, a ação rápida dos agentes de patrulha poderia ter salvado a vida de civis inocentes. Em 18 de julho de 1984, um suspeito entrou em um restaurante do McDonald's em San Ysidro, Califórnia, e abriu fogo com três armas, incluindo um rifle Uzi semi-automático. Durante o assalto, que durou 77 minutos, o suspeito matou 21 pessoas e feriu outros 19. Patrulheiros entraram em cena três minutos depois de serem despachados para o tiroteio em andamento e cercaram o prédio inteiro em 15 minutos. Quando eles cercaram o prédio e esperaram a chegada da equipe de

SWAT, eles ouviram o suspeito disparar um total de 257 tiros. Finalmente, cerca de 77 minutos após o início do ataque, um atirador de precisão de SWAT atirou e matou o suspeito de um telhado nas proximidades (*The San Diego Union Times*, 1984).

Durante a era da especialização, o pouco treinamento tático recebido pelos policiais de patrulha era tipicamente dado pelos membros da equipe de SWAT. Esses instrutores muitas vezes apenas reforçaram o papel dos primeiros respondedores da patrulha como sendo para conter um incidente e chamar a SWAT para lidar com isso. Embora o som, as habilidades táticas de tomada de decisões, juntamente com as táticas reais, fossem a combinação ideal de treinamento para os patrulheiros, esse não costumava ser o caso. Seja devido ao ego de um instrutor, falta de confiança nos policiais de patrulha ou a crença de que esse tipo de treinamento tornaria irrelevante o papel de SWAT, muito pouco treinamento envolvendo tomada de decisão tática e habilidades para policiais de patrulha ocorreu durante a era da especialização.

As operações táticas são historicamente um processo muito lento do começo ao fim. Quer seja um chamado no meio da noite para responder a um atirador armado, com barricada ou a um mandado de alto risco cumprido na data e hora determinadas pelo comandante de SWAT, as operações táticas são geralmente lentas e deliberadas. Usando um atirador barricado noturno como exemplo, os policiais de patrulha, que estão em primeiro lugar no local, devem avaliar rapidamente a situação e determinar se ela atende aos critérios estabelecidos para ativar a equipe de SWAT. Uma vez notificado, o pessoal de SWAT deve responder a partir de atividades fora ou em serviço. Uma vez em cena, o equipamento deve ser colocado, *briefings* realizados, inteligência recolhida e, finalmente, pessoal tático destacado para aliviar os patrulheiros da cena. Dependendo da área e da hora do dia, esse processo pode levar de 30 minutos à várias horas.

Uma vez que o comando tático tenha sido estabelecido durante um incidente crítico, os métodos táticos tradicionais que envolvem tempo e paciência geralmente impulsionam o ritmo do evento. A coleta e análise de inteligência é uma parte importante de qualquer operação tática e, geralmente, requer uma quantidade significativa de tempo e recursos, se realizada de forma completa e adequada. Infelizmente, o "processo" de inteligência muitas vezes impede a tomada de decisão e bloqueia a iniciativa. Com o passar do tempo, muitas equipes de SWAT tornam-se condicionadas a um protocolo lento e metódico de resposta, encontrando-se incapazes de trabalhar ou trabalhando desconfortavelmente em ambientes dinâmicos e em rápida mudança, como um evento de atirador ativo.

O Ponto da Virada

Em 20 de abril de 1999, na Columbine High School (Escola Secundária de Columbine), em Littleton, Colorado, dois alunos perturbados iniciaram um ataque há muito planejado contra a escola. Usando rifles, espingardas e artefatos explosivos caseiros improvisados (Improvised Explosive Disposal - IEDs), os suspeitos mudaram para sempre a maneira como os policiais de patrulha e outros socorristas reagem aos incidentes que ameaçavam a vida e que agora acontecem imediatamente. Esse fenômeno, em última análise, denominado evento de "atirador ativo" (Active Shooter), não foi o primeiro. Embora houvesse inúmeros eventos de atiradores ativos similares desde a criação das equipes de SWAT no início dos anos

70, nenhum deles atraiu a atenção da profissão policial e da nação, assim como o ataque à Columbine High School (Escola Secundária de Columbine).

Localizada no subúrbio do Condado Jefferson, Colorado, a Columbine High School é considerada uma escola suburbana de classe média alta. Com 2.000 alunos matriculados, a escola tinha 75 salas de aula em 250.000 pés quadrados de espaço. Havia 120 professores no corpo docente e mais 20 funcionários. A escola era uma das muitas escolas de ensino médio no Distrito Escolar do Condado de Jefferson, que tinha um total de 144 escolas. Na época do evento, o Gabinete do Xerife do Condado de Jefferson tinha um Adjunto, Neil Gardner, designado em tempo integral para a escola como policial de recursos da escola (Relatório da Comissão de Revisão de Columbine do Governador Bill Owens, 2001).

Depois de um ano planejando e adquirindo as armas para atacar a escola, os dois suspeitos iniciaram o ataque na hora do almoço em 19 de abril de 1999. Depois de dirigir seus veículos com IEDs, os dois carregaram duas IEDs adicionais, criadas a partir de tanques de propano com temporizadores, na cafeteria da escola e os colocaram perto dos pilares em uma tentativa de derrubar a biblioteca do segundo andar na lanchonete. Seu plano era esperar do lado de fora em posições de emboscada e atirar em estudantes sobreviventes que fugiram da escola após a explosão. Quando as bombas falharam em detonar que estavam programadas às 11h17, os suspeitos começaram a atirar em estudantes do lado de fora da escola às 11h19, dando início a um dos piores tiroteios em escolas da história (Relatório Oficial do Gabinete do Xerife do Condado de Jefferson em Columbine 2000).

O policial de recursos da escola Neil Gardner, que estava almoçando em sua viatura perto da escola, foi o primeiro a chegar depois de receber uma chamada de rádio de uma “mulher ferida no sul da Columbine High School”. Como Gardner parou no estacionamento sul da escola às 11h24, ele observou crianças correndo para fora da escola em todas as direções, bem como fumaça vindo do lado oeste do estacionamento. Além disso, ele ouviu o som de várias explosões e tiros vindos de dentro da escola. Ao sair de seu veículo, Gardner foi atacado por um dos suspeitos, que estava em pé nos degraus do lado de fora da escola. Os tiros, que se acredita terem sido disparados de um rifle de 9mm, erraram Gardner. Gardner disparou quatro tiros de sua pistola contra o suspeito a uma distância de aproximadamente 54 metros (60 jardas). Embora inicialmente acreditasse ter sido atingido por um dos tiros de Gardner, o suspeito rapidamente começou a atirar novamente em Gardner antes de entrar na escola e desmaiar fora da visão de Gardner.

Nos 40 minutos seguintes, os dois suspeitos aterrorizaram seus colegas e professores na Columbine High School com armas de fogo e IEDs. Policiais de toda a área metropolitana de Denver responderam ao local para encontrar destruição inacreditável e violência contínua. Concentrando-se principalmente na segurança de um perímetro, resgatando estudantes feridos do lado de fora da escola e escoltando os ilesos, colocando os estudantes em segurança, esses policiais estavam respondendo como haviam sido treinados e condicionados. Embora vários policiais atirassem ou trocassem tiros com os dois suspeitos de fora durante esse tempo, nenhum deles entrou ou tentou entrar na escola em busca dos atiradores que estavam atirando em pessoas inocentes lá. A SWAT havia sido chamada e essa era uma situação que uma equipe de SWAT deveria lidar com os protocolos existentes.

Durante esse tempo, vários membros da equipe de SWAT de agências locais começaram a chegar à escola. Às 11h52, o subdelegado do Condado de

Jefferson, John Dunaway, chegou ao posto de comando e autorizou a SWAT a fazer uma entrada imediata na escola. Inicialmente, 12 policiais da SWAT de três diferentes agências criaram uma equipe *ad hoc* e foram os primeiros policiais a entrar na escola. Esta equipe acabou sendo seguida por vários outros elementos da SWAT que entraram na escola em vários momentos durante o evento. Trabalhando em coordenação uns com os outros, as equipes lutaram contra as IEDs não detonadas, atravessaram a água a partir de sistemas de *sprinklers*, trabalharam com alarmes de incêndio ensurdecedores e quebraram portas trancadas na tentativa de localizar os suspeitos. Enquanto as equipes revistavam a escola, eles encontravam alunos e funcionários escondidos em todos os espaços imagináveis e depois os ajudavam a sair da escola com segurança. Finalmente, por volta das 15:30, os dois suspeitos foram encontrados na biblioteca da escola - mortos por ferimentos causados por tiros auto-infligidos. Embora a polícia não soubesse disso naquele momento, esses eram os únicos dois suspeitos envolvidos no ataque. A investigação sobre o massacre de Columbine High School continuaria por meses e anos a seguir.

Uma lição aprendida rapidamente com Columbine foi que os policiais responsáveis pela primeira resposta desempenham um papel crítico durante situações de atiradores ativos. Olhando para trás, historicamente, desde a criação das equipes de SWAT, a profissão policial condicionou a função de patrulha a falhar em uma situação de atirador ativo como Columbine. Não apenas houve muito pouco ou nenhum treinamento tático oferecido aos policiais de patrulha para responder a esse tipo de evento, mas também que o treinamento fornecido reforçou o conceito de contenção e exigiu que as equipes de SWAT lidassem com situações críticas. Era muito fácil sentar e criticar os primeiros respondedores a Columbine e culpá-los por não perseguir os suspeitos na escola para acabar com o ataque mais cedo; no entanto, não devemos esquecer o fato de que eles não foram treinados para fazer isso e, mais importante, eles foram especificamente treinados para não fazer isso. A profissão policial finalmente acordou e coletivamente concordou que:

1. Algumas situações críticas não podem esperar pela SWAT.
2. Os primeiros respondedores (ou seja, os policiais de patrulha) precisam de treinamento tático para lidar com incidentes contínuos e ameaçadores à vida, como um atirador ativo.
3. Os primeiros respondedores devem ser capacitados por meio de treinamento, políticas e procedimentos, além de equipamentos para responder e parar com rapidez e eficácia um atirador ativo.

Novos Protocolos de Resposta

Na esteira das lições aprendidas da resposta da polícia à Columbine, muitas agências de segurança nos Estados Unidos começaram a fornecer treinamento de atirador ativo para policiais de patrulha e outros socorristas. O treinamento geralmente consistia em fornecer treinamento tático básico, tipo SWAT, para policiais de patrulha. Essa abordagem exigia que os membros existentes ou antigos da equipe de SWAT fornecessem o treinamento. Em teoria, essa prática fazia sentido. Policiais táticos são especialistas no assunto de uma agência em táticas e

armas de fogo. As habilidades táticas que os policiais de patrulha precisam para responder e enfrentar uma ameaça de atirador ativo são basicamente as táticas agressivas de pequenas unidades nas quais as equipes de SWAT foram fundadas. Em muitas agências, os policiais de SWAT também exerciam funções diversas como policiais de treinamento e tinham ampla experiência no ensino de policiais. Para as agências com equipes de SWAT em tempo integral, o pessoal da SWAT costumava ter tempo para realizar o treinamento e poderia ser facilmente emprestado para a divisão de treinamento. Finalmente, quase todos os membros da equipe de SWAT vieram de divisões de patrulha e tinham experiência com o trabalho e a função de patrulha.

Embora isso tenha provado ser um modelo bem-sucedido para treinar os policiais de patrulha para uma resposta à atirador ativo, não foi sem desafios e falhas. Um dos primeiros desafios que muitos instrutores experientes de SWAT tiveram de superar ao ensinar policiais de patrulha foi esvaziar seus egos (muitas vezes grandes) e o senso de superioridade sobre os policiais de patrulha. Unidades especiais como as equipes de SWAT exigem que um certo “espírito de corpo” seja bem-sucedido. Infelizmente, essa atitude e mentalidade podem ser prejudiciais ao interagir com grupos ou pessoas fora dessas unidades. Os instrutores de polícia, não importa qual seja o seu passado, devem entender que a missão de transmitir conhecimento e ensinar habilidades para salvar vidas tem precedência sobre sua percepção individual de autoestima e importância. Um estilo instrucional específico que pode funcionar muito bem para o ensino de novos recrutas da SWAT frequentemente afastam o veterano de patrulha de 15 ou 20 anos que não tem interesse em fazer nada “tático”. Infelizmente, esses são os policiais da linha de frente que mais precisam treinamento em lidar com atiradores ativos.

Outro desafio enfrentado pelos instrutores de SWAT é a necessidade de transformar táticas complicadas e complexas em respostas fáceis de usar e fáceis de lembrar para os policiais sem experiência tática. As táticas tradicionais da SWAT são construídas em equipes pequenas e fixas com responsabilidades específicas para cada membro da equipe. Esses membros da equipe trabalham e treinam juntos, frequentemente gastando uma quantidade excessiva de tempo aprimorando conjuntos específicos de habilidades que podem ser executados sob estresse extremo. No entanto, o treinamento necessário para os policiais de patrulha responderem a um evento de atirador ativo se concentra na capacidade dos primeiros policiais de atendimento, não importa para quem trabalham ou que uniformes estejam usando, para trabalhar juntos para parar um atirador ativo de maneira rápida e eficaz. Táticas complexas baseadas em equipes fixas, colegas de resposta conhecidos e confiáveis e a necessidade de esquemas rígidos de treinamento para aprimorar habilidades são metodologias de treinamento ineficazes para a resposta de patrulha a um atirador ativo.

Os membros da equipe de SWAT que treinam policiais de patrulha também são confrontados com a necessidade de fazer a transição de filosofias e metodologias táticas que ditam protocolos de respostas rígidas e estruturadas para processos de tomada de decisão mais fluidos e dinâmicos no momento. Por exemplo, a maioria das equipes táticas instala granadas de luz e som antes de entrar em um local de crise para atordoar e desorientar os suspeitos temporariamente. Além disso, ao procurar e eliminar uma estrutura de suspeitos, as equipes de SWAT trabalham metodicamente, pesquisando e limpando à medida que vão sem qualquer chance de perder um suspeito que possa surgir por trás da

equipe. Por fim, as equipes táticas contam com equipamentos especializados, incluindo ferramentas de arrombamento, escudos e luzes táticas montadas em armas. Táticas específicas usadas por essas equipes geralmente dependem de equipamentos; isto é, sem um escudo ou uma certa ferramenta, as táticas usadas para resolver uma situação não funcionarão ou serão ineficazes.

Para que o treinamento tático de atirador ativo direcionado aos primeiros respondedores seja efetivo, os instrutores, incluindo o pessoal da SWAT designado para treinar os policiais de patrulha nessas novas táticas, tiveram que repensar e ajustar as metodologias tradicionais de treinamento. Primeiro, o pessoal de patrulhamento recebe pouco treinamento tático e, dependendo do tamanho da agência, provavelmente receberá treinamento para responder a atirador ativo apenas uma ou duas vezes durante suas carreiras. Os instrutores de polícia geralmente têm entre 4 e 16 horas para fornecer esse treinamento crítico. Se as táticas são muito complexas para serem aprendidas neste tempo limitado, os policiais de patrulha ficarão frustrados e não terão confiança nas táticas. Portanto, o treinamento deve ser baseado em conceitos e princípios, fácil de aprender e ainda mais fácil de lembrar e usar sob estresse extremo.

Em segundo lugar, os protocolos de resposta e as táticas ensinadas ao pessoal de patrulha não poderiam ser idênticos às táticas tradicionais de SWAT. Policiais de patrulha que respondem a um evento de atirador ativo não terão um escudo balístico em seu carro de patrulha que possa ser imediatamente implantado. Esses policiais não são treinados ou equipados para usar granadas de luz e som. Eles geralmente não carregam ferramentas de arrombamento, como arietes ou alavancas, e não foram treinados para usar uma espingarda para abrir uma porta trancada. A missão que os policiais de patrulha estão sendo preparados para conduzir - resgate de reféns em um evento de atirador ativo - é a mesma missão que as equipes de SWAT treinam todos os dias. No entanto, os policiais de patrulha estão sendo encarregados de fazer a missão com pouco ou nenhum treinamento, nenhum equipamento especializado e inteligência prévia extremamente limitada sobre a situação. As táticas utilizadas nessas situações devem ser dinâmicas, agressivas e decisivas, e isso é contrário à grande parte do treinamento anterior do patrulheiro em relação a esse tipo de situação.

Além disso, treinamento de atirador ativo para patrulha deve ser projetado para permitir que vários policiais que nunca trabalharam juntos antes, que não se conheçam e sejam possivelmente de diferentes agências se unirem e efetivamente responderem para parar a violência. A divisão de patrulha em praticamente todas as agências de aplicação da lei contém pessoal com amplo conhecimento, experiência e expertise. Como visto na tragédia da Escola Secundária de Columbine, o apelo pelo rádio para uma situação de atirador ativo em andamento trará uma resposta rápida dos policiais em toda a área. O mais importante desses respondedores são os primeiros em cena, que têm a tarefa de localizar, isolar e neutralizar a ameaça contínua. O treinamento, então, não deve depender de um grupo de respondentes homogêneos e dedicados, mas sim de um programa baseado em conceitos e princípios que permita a qualquer policial se tornar um membro efetivo de uma equipe *ad hoc* de emergência. Deve-se notar aqui que em cenários de atirador ativo, este é o objetivo final: neutralizar a ameaça em curso e parar a matança o mais rápido possível.

O treinamento dinâmico baseado em força e em cenários, que historicamente eram reservado para o tipo de treinamento da equipe de SWAT,

também deve ser incorporado e usado para preparar o pessoal da patrulha. Muitas agências acreditam erroneamente que os policiais podem ser treinados adequadamente para impedir que um atirador ativo fazendo uma apresentação em PowerPoint ou conduzindo exercícios em cima de uma mesa. Embora esse tipo de treinamento possa ser valioso para aumentar a conscientização, ele geralmente faz muito pouco para realmente preparar um policial para sair da viatura e entrar em um local de crise enquanto os tiros são disparados.

O treinamento de força sobre força para a aplicação da lei era relativamente novo na época dos tiroteios em Columbine. Esse tipo de treinamento, que envolve exercícios baseados em cenários nos quais os policiais de fato disparam projéteis não-letais, como bolas de *paintball* e outras tecnologias em desenvolvimento, estava basicamente restrito ao treinamento da equipe tática. O treinamento exigia locais de treinamento dedicados e extensos protocolos de segurança, e poderia ser dispendioso de conduzir. No entanto, se feito corretamente, este treinamento é sem dúvida o melhor método para ensinar e avaliar os resultados do treinamento tático. Para construir capacidades de resposta de patrulha bem-sucedidas, esse tipo de treinamento prático deve ser incorporado a todos os programas de treinamento de atirador ativo.

Finalmente, e possivelmente o mais importante, um novo paradigma na tomada de decisões de crise, especificamente nos níveis de supervisor de primeira linha e de gerenciamento de nível médio das agências policiais, teve que ser implementado. Olhando para trás para os procedimentos de resposta de patrulha tradicionais usados antes de Columbine, todas as manobras e intervenções táticas geralmente tinham que ser autorizadas pelos níveis mais altos da agência policial. Em um evento de atirador ativo, não há tempo para aguardar o supervisor e as aprovações de comando entrarem em uma estrutura e impedirem a morte de vítimas inocentes. Uma nova matriz de tomada de decisão para situações de crise que poderiam ser implementadas nos níveis mais baixos de uma organização tinha que ser desenvolvida.

O pessoal de patrulha e os outros socorristas são responsáveis pelas medidas imediatas para salvar as vidas em situações de atirador ativo. Com esse empoderamento também vem o treinamento; No entanto, o treinamento também deve ser fornecido aos supervisores e gerentes que estão renunciando à autoridade decisória. Esta mudança fundamental na gestão tradicional da aplicação da lei desafia os pressupostos e práticas de longa data. Medo de litígios, falta de confiança nas capacidades dos agentes de patrulha e dificuldade no controle descentralizado durante uma crise continuam a atormentar a profissão policial. No entanto, para uma resposta de patrulha rápida e eficaz à morte contínua de vítimas inocentes para o trabalho, os socorristas devem ser capacitados e ter a autoridade para tomar decisões imediatas sem esperar pela permissão dos comandantes e chefes de volta à delegacia.

Assim como as táticas ensinadas aos policiais de patrulha respondendo a um atirador ativo precisam ser flexíveis, as estratégias de resposta empregadas pelos supervisores e gerentes para um desses eventos críticos também precisam ser flexíveis. Em algumas agências, um evento de atirador ativo só foi declarado se os policiais da primeira resposta pudessem ouvir os tiros em andamento. Sem os tiros contínuos, o mais tradicional protocolo de resposta “contenção e chamada de SWAT” para os policiais de patrulha foi considerado a resposta apropriada. Toda situação tática na aplicação da lei é diferente e uma estratégia de resposta “tamanho

único” não é apropriada. Contudo, os princípios fundamentais da aplicação da lei profissional, como a preservação da vida, a proteção dos inocentes dos perpetradores e a execução de deveres prescritos no Código de Ética, devem ser a força motriz por trás de decisões táticas tomadas em tempos de crise (Ética Instituto de Justiça Criminal, 1991).

Um exemplo de limitações forçadas aos respondedores por diretivas políticas rígidas e rápidas ocorreu na sexta-feira, 3 de abril de 2009, em Binghamton, Nova York. Aproximadamente às 10h30, um suspeito estacionou seu carro nos fundos de um prédio que abrigava a Associação Centro Cívico de Imigração Americana, no centro de Binghamton. O suspeito estacionou estrategicamente seu carro bloqueando a porta traseira do edifício para que não pudesse ser aberto por dentro. O suspeito entrou na porta da frente da clínica, atirou imediatamente em duas recepcionistas e seguiu para o prédio, atirando aleatoriamente em pessoas que frequentavam um curso de ESL (English as a Second Language - Inglês como Segunda Língua).

Uma recepcionista ferida recuou para debaixo de uma escrivaninha e imediatamente ligou para o 911 para relatar o tiroteio. Policiais de patrulha chegaram ao local dentro de 2 minutos das primeiras chamadas para o 911; no entanto, uma entrada imediata no edifício não foi realizada. Quando o suspeito ouviu sirenes do lado de fora do prédio, ele disparou fatalmente na cabeça. No ataque de aproximadamente 3 minutos, o suspeito disparou 99 tiros: 88 de uma arma de 9mm e 11 de uma arma de calibre .45. Ele havia matado 13 vítimas e ferido 2 antes de se matar.

Os policiais de patrulha, respondendo ao relatório de tiros disparados e uma vítima baleada dentro do prédio, não ouviram mais tiros sendo disparados quando chegaram às 10h33. A recepcionista ferida, permaneceu falando com o 911 durante todo o evento até que ela acabou sendo resgatada, desde que as informações de inteligência indicassem que o tiroteio havia parado. Aproximadamente às 10h37, a equipe de SWAT foi solicitada a responder. De acordo com o relatório pós-ação da Associação Centro Cívico de Imigração Americana e Plano de Melhoria encomendado pelo Condado de Broome (2009) após o evento, "A polícia permaneceu do lado de fora do prédio até a confirmação de que o atirador e quaisquer possíveis cúmplices estavam mortos" 11h13, aproximadamente 40 minutos depois da chegada dos primeiros policiais, e escoltaram 10 sobreviventes do prédio ao meio-dia e outros 10 às 12h40. (Beck Disaster Recovery 2009).

Policiais responsáveis pelas estratégias táticas empregadas na tragédia da Associação Cívica Americana acreditavam que a resposta ao prédio era uma que “justificava cautela”, já que eles não tinham certeza se o suspeito ainda estava vivo ou não (Kekis 2009). Apesar de estarem recebendo informações em tempo real de uma vítima ferida perto do ponto de entrada do prédio, os policiais escolheram “ser mais deliberados, porque o atirador havia parado de atirar quando chegaram” (Kekis 2009). Os policiais acrescentaram: “Ele estava morto. Nós não sabíamos disso. Se houver um bando de policiais [sic] no chão [que tenham] sido baleados tentando resgatar alguém, isso não ajudará ninguém”. Os policiais afirmaram sem questionar que teriam entrado no prédio "se os disparos ainda estivessem voando" (Kekis 2009).

A resposta da polícia em Binghamton novamente criou questões e debate sobre o papel dos primeiros respondedores em um evento de atirador ativo. Os

protocolos de treinamento e resposta seriam muito fáceis de instruir, lembrar e iniciar se as situações táticas da vida real fossem em preto e branco com um “manual” de respostas correspondente. Infelizmente, situações do mundo real são eventos dinâmicos e fluidos, muitas vezes mudando drasticamente devido ao elemento humano. Para ajudar na tomada de decisões sob estresse durante essas situações, as autoridades aplicam uma teoria de “segurança da vida”. Essa teoria se aplica não apenas a ações e respostas que impulsionam a aplicação da lei, como uma vítima que precisa de resgate, mas também à “segurança de vida” daqueles que fazem o resgate. Esses interesses conflitantes são ampliados em uma situação de atirador ativo, já que não há maneira segura de entrar em uma estrutura e confrontar um pistoleiro enlouquecido atirando aleatoriamente em pessoas ou resgatando pessoas que já foram feridas.

Para auxiliar os policiais, supervisores e gerentes na tomada de decisões durante eventos críticos que ameaçam a vida, foi desenvolvida uma escala de “prioridade de vida”. Em ordem de importância, a escala é:

1. Cidadãos inocentes, reféns e vítimas
2. Policiais
3. Suspeitos

Quando apresentados pela primeira vez à prioridade da escala de vida, muitos policiais rapidamente argumentam, como foi feito pelos policiais de Binghamton, que os policiais não fazem bem a ninguém se se tornarem vítimas. Em essência, este argumento conclui que as vidas dos policiais devem ter precedência sobre as vidas das vítimas inocentes, para que essas mesmas vítimas ou potenciais vítimas sejam salvas. Usando esse raciocínio, o único local completamente seguro para os policiais que estão respondendo a um evento de atirador ativo é fora da estrutura onde o tiroteio está ocorrendo. Ao entrar no prédio em busca de um atirador que atinja inocentes, os policiais estão se colocando em segundo lugar na prioridade da escala de vida atrás daqueles civis inocentes.

Os padrões atuais de treinamento e as filosofias táticas de atirador ativo não sugerem que os policiais enfrentem situações de atirador ativo com total desconsideração por sua segurança pessoal. Pelo contrário, os policiais de hoje geralmente são mais bem treinados, equipados e preparados para enfrentar um adversário violento do que nunca. Vestindo colete balístico e estando armados, muitas vezes com fuzis, os policiais estão muito melhor preparados para enfrentar e deter um atirador ativo do que os civis inocentes que estão sendo caçados. Quando colocados em contexto e explicados dessa maneira, os policiais entendem o conceito de que, embora sua segurança seja importante, a profissão de polícia pode ser e é um chamado perigoso, que às vezes exige que aqueles que juraram se apresentarem sejam a “fina linha azul” encarregada de proteger aqueles que não podem se proteger. No próximo capítulo, discutiremos a complexidade crescente e os aspectos terroristas dos eventos de atirador ativo.

Referências

Broome County American Civic Association. September 2009. Shooting, April 3, 2009. After-action report & improvement plan. Beck Disaster Recovery. <http://content.news10now.com/>

syrcontent/pdfs/484312_Broome_County_ACA_Shooting_After_Action_Report.pdf (retrieved September 7, 2012).

Institute for Criminal Justice Ethics. 1991. Law enforcement code of ethics (rev.). <http://www.lib.jjay.cuny.edu/cje/html/codes/codes-usa-organizational/lece-r.html> (retrieved September 7, 2012).

Jefferson County Sheriff's Office Official Report on Columbine. May 15, 2000. <http://denver.rockymountainnews.com/shooting/report/columbinereport/pages/toc.htm> (retrieved August 20, 2012).

Kekis, J. 2009. N.Y. officials defend police response to massacre, April 6, 2009, Policeone.com, <http://www.policeone.com/active-shooter/articles/1807053-N-Y-officials-defend-police-response-to-massacre/> (retrieved September 7, 2012).

Mijares, T., R. McCarthy, and D. Perkins. 2000. *The management of police specialized tactical units*. Springfield, IL: Charles C Thomas Publisher, LTD.

Report of Governor Bill Owens' Columbine Review Commission. May 2001. http://www.state.co.us/columbine/Columbine_20Report_WEB.pdf (retrieved August 20, 2012).

The San Diego Union-Tribune. A massacre in San Ysidro. <http://www.utsandiego.com/san-ysidro-massacre> (retrieved August 19, 2012).

S.W.A.T. Internet Movie Database (www.IMDb.com), <http://www.imdb.com/title/tt0072560/plotsummary> (retrieved August 19, 2012).

Walker, S. and Katz, C. 2005. *The Police in America: An Introduction*. New York: McGraw-Hill.

Traduzido por: Onivan Elias de Oliveira – Ten Cel PMPB